

## A figura do pajé

**RUY NUNES**

No mundo da selva africana, até pouco tempo alheio à luz elétrica, e em muitas florestas do Brasil e do mundo inteiro, as trevas noturnas, a crença nos maus espíritos, o espanto diante dos fenômenos da natureza como tempestades, terremotos e erupções vulcânicas, o temor da doença, da morte e dos malefícios abstram, desde a Pré-História, um campo imenso à atuação dos feiticeiros.

Enquanto a magia branca resultava da atenção às coisas, aos fatos, da aplicação ao pensamento e às atividades do princípio de causalidade (tudo o que acontece tem uma causa: a ave morreu, porque foi flechada; o leopardo ou a onça foram apanhados, porque caíram na armadilha; o menino morreu, porque foi picado por uma cobra venenosa), e veio a ser desbancada e suplantada pelo conhecimento científico (os aborígenes já experimentaram com benefícios a ação da aspirina, da quinina, dos antibióticos etc.), os feiticeiros têm procurado conservar, perante os seus crentes e os seus seguidores, a sua aura de criaturas superiores, detentoras de poderes misteriosos e terríficos. Desde que eles se saltentaram pela sua esperteza, pelas habilidades de prestidigitadores, que manejam cautelosamente tanto os conhecimentos das ervas curativas venenosas quanto a credulidade dos pacientes; desde que se notabilizaram na arte de suggestionar os outros com o tacto de hipnotizadores ou de adivinhos, que forçam a realização de suas predições até as últimas consequências, eles se revestiram da repulsiva auréola da magia negra que lhes vale na tribo precedência, honrarias, riquezas, assim como o temor e o ódio de seus dependentes. Muito embora reconheçam o caráter fantasmagórico dos seus fenômenos, os feiticeiros estão convictos da seriedade do seu papel e dos seus atributos mágicos.

A magia negra — assim denominada por ser essencialmente maléfica e nociva — apresenta-se como magia sobrenatural, quando recorre aos seres do mundo invisível, às almas dos mortos, aos antepassados dos homens e até mesmo dos animais, e aos maus espíritos, menos a Deus, inatingível para a magia. Como observa Le Roy, que viveu durante muitos anos, desde 1877, na costa oriental da África, a magia é uma "anti-religião que tem, como a Religião, o seu culto, os seus encantamentos, as suas evocações, os seus ritos, os seus fetiches, suas oferendas, seus sacrifícios, seus ministros, suas festas, seus lugares de reunião. Ela é praticada ao lado da magia natural e ao lado da religião, paralelamente a elas, misteriosa, inapreensível, temida, execrada, perseguida nas suas manifestações, nos seus representantes, e indestrutível" (A. Le Roy, La Religion des Primitifs. 7e. éd. Paris, Gabriel Beauchesne Éditeur, 1925, pág. 340-342). Diz Le Roy que, na África banto, o especialista em magia natural chama-se de m-ganga, n-ganga, m-hanga, ganga, n-gan etc., enquanto o feiticeiro maléfico é denominado m-logi, m-rogi, m-lozi, mo-lo, mo-loki, m-loo, e-loroi, termos derivados de um verbo correspondente que significa "enfitejar". O feiticeiro maléfico também é designado por outros nomes, cuja atribuição a um indígena seria considerada um insulto e uma grande imprudência, como m-chawi, o mau vigilante, m-wanga, o vagabundo noturno, mo-lemba, o envenenador.

Ainda mesmo que se demonstre o charlatanismo dos feiticeiros, os indígenas continuam a acreditar nos seus poderes, tal a fé que neles depositam. O

missionário salesiano, padre Antonio Giaccone, ao discorrer sobre os tucanos da Amazônia, afirma que o pajé, embora não seja amado, é tido por um ser superior, respeitado e obedecido até mesmo pelos tuxauas, graças aos segredos que possui, fruto da observação, da experiência e da herança dos antepassados. Além disso, observa o padre Giaccone, o pajé é hábil prestidigitador que ilude os presentes com caretas, movimentos rápidos, sucções fortes, cuspos, massagens, fricções, emplastros de folhas, ratzes e resinas, purificados pelo sopro. Em lugar escuro ele executa as suas artimanhas, e extrai dos doentes pedras, espinhos, ossos etc. É claro que por meio da sugestão ele obtém resultados, como qualquer curandeiro das grandes cidades. Quando o paciente morre, o pajé sai de fininho dizendo que os inimigos lhe inocularam veneno ou lhe fizeram dohoceré, malefício. O pajé guarda os seus apetrechos numa caixa feita de folhas de palmeira entrelaçadas, que nenhum índio se atreveria a examinar. Um dia, pilhando-se sozinho na maloca de um pajé, padre Giaccone abriu a caixa misteriosa, e viu que só continha pedras compridas e pontiagudas, da grossura de um dedo, pedaços de ossos, espinhos, espinhos de peixes e até cabelos (pe. Antonio Giaccone, S.S. Os Tucanos e Outras Tribos do Rio Uapés, Afluente do Negro-Amazonas. Notas etnográficas e folclóricas de um Missionário Salesiano. S. Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1949, pág. 37-41).

Em monografia etnológica de alto valor científico, outro salesiano — falecido em 1987 —, o padre Alcionílio Brázi Alves da Silva, descreve acuradamente as atividades e as técnicas dos pajés tucanos, feiticeiros ou zamãs, chamados em tucano de Yai (pajé) que também significa onça. O padre Alcionílio trata dos seus poderes, meios de cura, das plantas da terapêutica zamantística, dos processos de cura; das qualidades psíquicas, da preparação, influência, posição e papel social do pajé. Ele observa que o feiticeiro parece recorrer frequentemente a um hipnotismo inconsciente, a certa força magnética e telepática, e é sempre um indivíduo bem-dotado, inteligente, perspicaz, capaz de suggestionar e de auto-suggestionar-se.

O padre Alcionílio não acha que o pajé seja apenas um espertalhão a explorar a credulidade do indígena. "Talvez — diz ele — da sua grande suggestionabilidade é que lhe venha o poder de transferir a outros a sua sugestão e a cura... Quem sabe, em algumas circunstâncias se dão fatos espontâneos de telepatia, tanto mais misteriosos para os próprios protagonistas quanto mais ignorantes. Até mesmo as curas por efeito das ervas usadas, ou dos banhos aplicados, e as coincidências totalmente fortuitas contribuirão para radicar no ânimo do pajé uma convicção profunda sobre a eficácia de suas cerimônias e o próprio poder mágico... Do mesmo modo chegam a convencer-se de seu poder sobre a natureza e muitas vezes ameaçam fazer descer raios. Atribuirão os insucessos à ação perturbadora de outro pajé mais forte" (pe. Alcionílio B.A. da Silva, A Civilização Indígena dos Uapés. Centro de Pesquisas de Iauareté. Missão Salesiana do Rio Negro. Amazonas. S. Paulo, 1962, pág. 269-290).

Com a sua arte de mago, prestidigitador, médico, adivinho e trapaceiro, o zamã ou pajé assume ares religiosos sem ser sacerdote, e usa de alguns conhecimentos da natureza, sem ser homem de ciência.